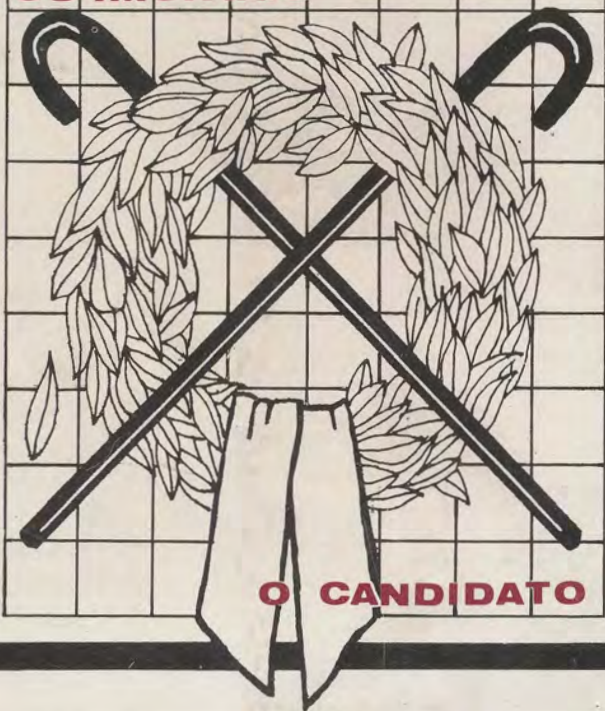




PRISTA MONTEIRO

OS IMORTAIS



Catarina.

O CANDIDATO

275.

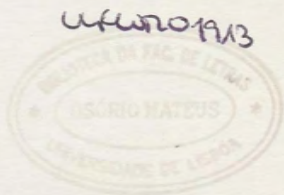
REPERTÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES

OS IMORTAIS
O CANDIDATO

FRISA MONTORO

1933 - 1934

REPERTÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES



OS IMORTAIS

Peça em 1 acto
de
PRISTA MONTEIRO

Impressão: 2 000 ex.

1.ª edição: Setembro de 1984

N.º de Depósito Legal: 4838

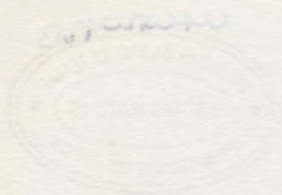
Composição e Impressão: OPTIMA TIPOGRÁFICA

Rua do Beldro, 14 (antiga 31) (Lisboa) 18

Tel. 281 24 52 - 281 24 53

LISBOA — 1984

REPETÓRIO DA SOCIEDADE PORTUGUESA
DE AUTORES



OS IMORTAIS

Peça em 1 acto
de
FRANCO ANTUNES

Tiragem: 2 000 ex.

1.ª edição: Setembro de 1984

N.º de Depósito Legal 4939

Composição e impressão : ÓPTIMA TIPOGRÁFICA

Rua Dr. Sidónio Pais, Lote 61 (traseiras)

Telef. 981 21 25 — Patameiras - 2675 Odivelas

OS IMORTAIS

Esta peça, acabada de escrever em Julho de 59, foi editada pela primeira vez no segundo número da Revista CONTRATEMPO, com desenhos de Amândio Silva, em Dezembro de 68 e agora esgotado.

Como espectáculo este teatro ainda o não foi.

Lisboa, Janeiro de 84.

(Escritório antigo. Paredes cobertas por altas e velhas estantes. À direita, grande secretária com o seu cadeirão e, ao acaso, mais duas cadeiras. Por cima de todos estes móveis e até pelo chão, podem ver-se, amontoados, maços de livros e de cadernos amarrados em cruzeta por cordel vulgar e cobertos de bastante pó. De resto, tudo na quadra revela abandono, velhice e desmazelo.

Ao fundo, à esquerda, há uma janela alta com grandes cortinados, desbotados já, de franjas caídas, pendentes do «lambrequin». À direita, uma porta.

Em cena vêem-se dois velhos. Um já passou dos 90 anos e outro, seu filho, acaba de fazer 70. Este, de pé, esmeradamente vestido, cabeleira toda branca mas cuidada, aparenta boa disposição. O pai, alto, seco, dança dentro do seu vestuário à moda de mil e novecentos. Encontra-se sentado à secretária, mão direita apoiada sobre a ben-

gala, tronco bastante curvado já e boca torcida por paralisia facial. Na cabeça usa uma espécie de solidéu, que agasalha por casa a sua venerável calva. Não parece encarar com muito entusiasmo a visita do filho)

PAPÁ (*com sarcasmo*) — Então? Vens visitar o teu pai! (*Ri amargamente*)... a metade de teu pai!

FILHO (*de pé, junto a seu pai, uma mão em cada ombro e sorrindo compreensivo*) — Então, papá! Não se sente bem, hoje?

PAPÁ (*carrancudo e irritado*) — Eu?... eu não sinto! Nem bem, nem mal!

FILHO (*sempre tolerante*) — Então! Então!... Mas tem reacções, papá!

PAPÁ (*brusco*) — É automatismo!

FILHO (*tira alguns livros de cima duma das cadeiras, olha em redor e resolve pô-los no chão. Depois senta-se, mas não sem que esse esforço lhe provoque alguns gemidos e o obriga a levar as mãos às regiões lombares. Entretanto Papá tirou do bolso um enorme lenço vermelho e está todo entregue à tarefa de o amarrar ao pulso esquerdo. O filho, reparando nisso, interroga-o*) — Eh! Que está fazendo?

PAPÁ (*sempre zangado*) — Hum! É para não me esquecer de que existo.

FILHO (*rindo*) — Ora, papá! Ainda que o fizesse, os outros nunca o esqueceriam.

PAPÁ — Já esqueceram!

FILHO (*conciliador*) — Eia! Está hoje muito zangado. Como poderiam ter esquecido o homem mais célebre da sua geração?

PAPÁ (*rindo, trocista*) — Ah! Ah! Ah! (*Depois subitamente sério e acusador*) Como te vão esquecer também!

FILHO (*indiferente e tentando mudar o assunto*) — Papá! Soube da homenagem do Presidente?

PAPÁ (*secamente*) — Homenagem ao meio morto que serás em breve!

FILHO (*pacientemente*) — Então, papá! Que mais quero eu? Sou um velho feliz! Homenagens... discursos... festas... enfim, agora, posso saborear tudo o que fiz, tudo o que tenho criado!

PAPÁ (*sarcástico*) — Agora vais estragar tudo o que fizeste. (*Enérgico*) Mata-te!

FILHO (*sem procurar entender Papá*) — Matei-me a trabalhar, sim! Agora...

PAPÁ (*cada vez mais excitado, interrompe-o*) — Mata-te!